

Misoginia e sexismo no *Twitter*: Análise do Discurso Sobre a Construção da Imagem da Mulher, em Postagens Extraídas do Perfil da Jornalista Patrícia Campos Mello¹

Janete Monteiro Garcia²

Universidade Paulista (UNIP), São Paulo, SP.

Resumo

O presente artigo propõe uma análise do discurso em postagens do Perfil no Twitter da Jornalista Patrícia Campos Mello, do Jornal Folha de S. Paulo. O objetivo é identificar as formas de preconceito a que a jornalista foi submetida e como estas práticas se repetem, numa cultura patriarcal, com outras mulheres. A pergunta de pesquisa é: por meio de quais isotopias temáticas e figurativas se constrói o discurso da inferiorização de PCM nos posts feitos no Twitter? As hipóteses são: de que esse discurso se manifesta por meio de uma programação e manipulação, como propostas por Greimas e Courtés (2008) e Landowski (2014), e que através de dois tipos de linguagem, a verbal e a de imagem atribuem-se papéis temáticos às mulheres, depreciando-as como sujeito e indivíduo na sociedade. Contamos com arcabouço teórico-metodológico proposto pela semiótica francesa de Greimas e seus seguidores.

Palavras-chave:

Twitter, Semiótica, Desigualdades, Gênero, Greimas.

Introdução

A relação de gênero e os efeitos da desigualdade entre o “masculino” e “feminino” expostos constantemente nas mídias sociais é o tema principal a ser discutido neste artigo. Conforme relatório divulgado no Fórum Econômico Mundial de Davos (Exame, 2019), levará aproximadamente 100 anos para que essa paridade seja alcançada em diversos

¹ Trabalho apresentado no GT de Semiótica da Comunicação do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom 2020) – de 01 a 10 de dezembro de 2020.

² Doutoranda em Comunicação, na Universidade Paulista. A pesquisadora é bolsista da Capes.
Email: jane_s_monteiro@yahoo.com.br

aspectos. Quando se trata de questões relacionadas ao emprego, o dado é ainda mais preocupante, ou seja, serão necessários 257 anos para que haja igualdade de condições.

O tratamento dirigido às mulheres se imbrica em uma representação social, apresentada de acordo com o psicólogo social Serge Moscovici (1978), como “realidade coletiva”, que se configura na forma de pensamento de uma sociedade fazendo parecer problemas como esse, menos sérios ou graves do que realmente o são. Dentro dessa concepção outros estudiosos de fenômenos relativos à esfera comunicacional como o sociólogo Pierre Bourdieu tratam de legitimações de sistemas de dominação, poder e violência simbólica, defendendo que,

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a ‘domesticação dos dominados’ (BOURDIEU, 1989, p.11).

Tal simbologia, conforme descrito por Bourdieu, está impregnada nos discursos e conteúdos produzidos pelos e nos meios de comunicação, nas redes sociais, reforçando a superioridade de um grupo sobre o outro. Nessa esteira, as mulheres constituem sobretudo, um grupo estereotipado, que segundo o semiótico Eric Landowski em sua obra: “Presenças do Outro”, diz respeito a “um meio expeditivo de reafirmar uma diferença” (2012, p.25). Diferença esta concebida num modelo patriarcal, conforme define a pesquisadora da área de gênero Adriana Piscitelli (2009, p. 131-132) como “sistema social no qual a diferença sexual serve como base da operação e da subordinação da mulher pelo homem”, colocando-a em um “lugar inferior”, e cuja ressignificação de tais preconceitos culminam em atos misóginos.

O foco desta análise, que compreende a linguagem verbal e de imagens, foi extraída em postagens do perfil da jornalista Patrícia Campos Mello, da Folha de S.Paulo, que enfrentou ataques sexistas no twitter. O recorte foi feito entre os meses de fevereiro e março de 2020. Com base nestas informações, a pergunta de pesquisa é a seguinte: como e por meio de quais isotopias temáticas e figurativas se constrói o discurso da inferiorização da jornalista da PCM, em postagens feitas no Twitter? Embora Patrícia desfrute de uma carreira consolidada, sendo vencedora de diversas honrarias como de “Cobertura Humanitária Internacional da Cruz Vermelha” (2017), o Prêmio de

Jornalismo “Rei da Espanha” (2018), Prêmio Internacional de Liberdade de Imprensa (2019), o Prêmio “Especial Vladimir Herzog” (2019) Cabot (2020)³ — tal fato não a poupa de sofrer preconceitos, e assim entende-se que essa visão simboliza papéis temáticos em comum com outras mulheres.

Logo, algumas das hipóteses, são: a) a relação desigual de gênero é composta por níveis de programação e manipulação conforme propõe a sintaxe narrativa da semiótica standard, de Greimas (Fiorin, 2016), reforçada nos moldes da sociosemiótica de Landowski, que ampliou tais conceitos teóricos através dos Regime de Interação e Sentidos (2014); b) as postagens do twitter criam por meio de isotopias temáticas e figurativas, conforme Fiorin (2016, p. 112), um efeito de desqualificação da mulher, além de fazerem emergir “papéis temáticos” (Greimas e Courtés, 2008, p.357), como o de “sem vergonha”, por exemplo, levando a um consequente descrédito da mulher, no caso de PCM, como profissional que tem como função, informar.

Utilizamos como método a análise do discurso da semiótica francesa fundada por Algirdas J. Greimas, e mais tarde aperfeiçoada por seus seguidores: Eric Landowski (2014, 2012), José Luiz Fiorin (2016). Tais teorias têm base no percurso gerativo do sentido em seus três níveis: fundamental, narrativo e discursivo, que se complementam nos conceitos da semiótica plástica figurativa, de Greimas (1984) como recurso para a análise de imagens. Trouxemos para a discussão também autores da área da sociologia da comunicação, que nos servem para analisar empiricamente o objeto. São eles: Pierre Bourdieu (1989), Serge Moscovici (1978) e John B. Thompson (1990).

Programação à Manipulação

A partir do dado empírico apresentado e dos conceitos da semiótica clássica e da sociosemiótica, proposta no programa narrativo por Greimas e depois, Landowski, manifestam-se sujeito e objeto com determinados papéis actanciais e temáticos. Nesta narrativa, o sujeito dominador, superior, pode ser representado pelo sistema patriarcal, e todos os indivíduos que nele estão inseridos em relação à reprodução de diferenças. A jornalista da Folha, Patrícia Campos Mello, que representa como já dissemos todas as

³ Informações obtidas no Livro da jornalista Patrícia Campos Mello, lançado este ano (2020, p. 293), pela Editora Companhia das Letras.

mulheres, nessa perspectiva atua com o papel actancial de objeto. Dentro de uma programação com foco na desigualdade de gênero, é visto e tratado como inferior, ou aquele que segue a ordem no contexto de “dominado”. Neste programa narrativo (GREIMAS E COURTÉS, 2008, p.388-399), entende-se que o objeto de valor para o sujeito dominante é em qualquer grau, a inferiorização e desvalorização da mulher. Já para a mulher, seu principal anseio representaria a liberdade deste padrão desigual. O que para o primeiro representa, “dentro de uma categoria semântica de base, um valor eufórico, para um segundo, é disfórico”. São termos opostos significando, positivo e respectivamente, negativo (FIORIN, 2016, p. 23).

O sujeito da ação está tão programado ou habituado em agir de maneira investida, como diz Landowski (2014, p.23) que parece nem perceber mais, que vai ao encontro de outras referências já citadas na introdução a respeito de representação social ou violência simbólica. Reportagem publicada na Revista Carta Capital (2017), mostra como essa problemática está presente na cotidianidade. Segundo a matéria com o título “No Brasil, o machismo é o preconceito mais praticado”,

O vasto repertório brasileiro de frases, comentários ou piadinhas discriminatórias com as mulheres faz o machismo ser percebido por 99% dos entrevistados, além de fazer dele o preconceito mais praticado, ainda que não seja notado ou admitido por alguns (61%). (CARTA CAPITAL, 2017)

Tal notícia traz consigo um efeito de naturalização ou banalização desta problemática e é acompanhada, “por frases, comentários ou piadinhas discriminatórias” (CARTA CAPITAL, 2017) e porque não dizer, de um certo conformismo. É ainda o que John. B. Thompson (1990) socialista com diversas publicações na área da comunicação aborda como sendo algo que sempre existiu, previsto dentro de uma ordem ideológica, que faz parte de um contexto social, histórico e cultural, e sendo assim, é difícil de ser modificado. Este pensamento de Thompson se une à fala da ministra do Supremo, Carmen Lúcia, no Dia Internacional da Mulher, sobre a forma banal de tratamento que determinados temas são vistos. Pouco tempo depois dos ataques à jornalista da Folha, a ministra destacou que a sociedade brasileira é “machista e preconceituosa [...] e os homens públicos, em hipótese alguma, devem estimular o preconceito. Quem está num cargo público tem de ter cuidado muito maior com o que diz” (SOUZA, DUBEUX,

ROTHENBURG, 2020). Adiante Carmen Lúcia tratou da importância e necessidade de uma reflexão séria sobre o assunto,

Entender por que a situação está como está, e o que é preciso fazer para superar esse estado de tanta virulência, de tanto preconceito, de tanta crueldade contra as mulheres. É preciso a gente valer-se desses momentos. No turbilhão da vida, às vezes a gente não para para pensar, para trocar com outras pessoas, o que elas pensam. É certo que, sem um pensamento amadurecido, refletido, crítico sobre isso, não teremos uma superação. Até porque a gente acaba agindo ao sabor dos acontecimentos que se sucedem com uma rapidez muito impressionante (CORREIO BRAZILIENSE, 2020).

Esta declaração da ministra sobre homens públicos também diz respeito às agressões sofridas pela jornalista oriundas de postagens como do parlamentar Alexandre Frota e foram mencionados por Patrícia, que lançou o livro com o título: “A Máquina do Ódio: notas de uma repórter sobre Fake News e Violência Digital” (MELLO, 2020). O tema do livro combina com o que disse Carmen Lúcia, sobre tais manifestações negativas de qualquer ordem, que suscitam o ódio e influenciam àqueles (ou o público) a quem a mensagem se destina. É o que trataremos a seguir na análise com base no esquema narrativo, em Greimas, ou do regime de interação, de Landowski, a Manipulação. Manipular “é sempre imiscuir-se em certo grau na ‘vida interior’ de outrem, é tratar de influenciar (tipicamente, por meio de persuasão) nos motivos que o outro sujeito possa ter para atuar num sentido determinado” (LANDOWSKI, 2014, p. 22). Neste tipo de interação, reforça Landowski, atribui-se a “outrem o cumprimento desse gênero de operações pragmáticas: nossa ação limitando-se então a atuar de tal sorte que o outro agente as execute, o *fazer ser* cede lugar ao *fazer fazer*”. Outra modalidade frequente é aquela que atua na competência do outro levando a *querer fazer*, que levará o manipulado a agir conforme deseja o “manipulador em potencial”, como Landowski denomina, lembrando que para que essa operação seja possível, o objeto precisa estar inserido numa “programação”, de ordem social, como é o caso e da qual não é simples se desviar. Isso ocorre de várias maneiras e em todos os âmbitos: ora por meio da *provocação*, como o recorte nos mostra, ora por *intimidação*, *sedução* ou *tentação*, compreendendo os actantes envolvidos na ação (a jornalista que sofre intimidação e provocação para quem sabe não levar a cabo a informação, e a sociedade patriarcal que é seduzida e tentada a agir como espera o destinador, difamando e desvalorizando nas redes sociais a profissional, a mulher). Este é um exemplo de como o *querer fazer* e o *fazer fazer* estão inseridos na

função cognitiva que este programa narrativo prevê (FIORIN, 2016, p.30). Se relacionarmos este conceito da manipulação, à prática em si desse tipo de preconceito, confrontando com a pesquisa da Carta Capital assim como reflexão feita pela ministra do Supremo sobre machismo, pode se dizer que é exatamente isso que acontece não deixando dúvidas quanto ao ponto que a mulher se encontra quando se trata de desigualdades de gênero. Seja da ordem a programação à manipulação, ou vice e versa, sobre tais comportamentos Landowski (2014, p. 38) descreve,

O ponto delicado é que, embora esses algoritmos de comportamento de caráter rotineiro e, se se preferir, estereotipado, apresentem-se de modo' quase tão regular e aparentemente tão coercitivo como se fossem causalmente determinados, eles, ao mesmo tempo, a maior parte das vezes aparecem seja como queridos, seja, pelo menos, como assumidos por aqueles que se conformam, como se a seus olhos fizessem parte da ordem natural das coisas (LANDOWSKI, 2014, p.38).

Ou seja, em outras palavras, significa o mesmo que o autor dizer com relação a qualquer tipo de estereótipos, que aqueles comportamentos tão cristalizados estão presentes no nosso dia a dia, a ponto de cegar a capacidade de realmente enxergar e perder a sensibilidade nas interações. Estes, segundo Landowski (2014, p. 38), jamais podem ser vistos como “queridos” ou algo natural, normal. Ao tratar da ordem comportamental ainda dos indivíduos, incluindo as formas de pensar e falar sobre o diferente, são baseados nos “programas fixados [...] a propósito de todos os aspectos da vida em sociedade” (LANDOWSKI, 2014, p. 24).

Por meio de tais conceitos vemos como a desvalorização da mulher, que está presente sob forma de expressões de ordem pejorativa, entre outras, se tornou uma “programação sociossemiótica” no Brasil, reforçando-se numa prática discursiva sedimentada. No item seguinte discorreremos sobre como na prática, os estereótipos e caracterizações se consolidam e produzem efeito disfórico com relação à mulher.

Isotopias e papéis temáticos

No item anterior explicamos a relação entre actantes dentro de um programa narrativo, cada qual com seu objeto de valor. Nesse tópico trataremos das isotopias, que são, segundo Fiorin (2016, p. 112) “recorrências de um dado semântico dentro de um texto” mostrando os temas e figuras que emergem em um discurso sexista. Como já explicamos na introdução, nosso foco na análise compreende postagens no perfil da

jornalista Patrícia Campos Mello, depois de coberturas feitas no campo da política este ano. Uma das temáticas identificadas foi a da mulher “sem vergonha”, que por sinal, foi descrito no livro da jornalista (MELLO, 2020, p.9) como sendo uma das injúrias que ela enfrentou nesse período do recorte e que ainda tem sido reverberado. Como forma de complementar a análise, buscamos definições sobre o sentido exato dos termos usados. No Dicionário Houaiss (2009), “sem vergonha”, significa: “Pessoa sem moral; quem não tem vergonha ou dignidade”; ou então, “que contraria as regras da moral”. Reforça a concepção de uma pessoa que não vive dentro de um padrão estabelecido pela sociedade da moral e dos bons costumes. Visando dar conta de uma descrição analítica mais apurada das imagens, recorreremos aos conceitos da semiótica plástica de Greimas (1984) em algumas de suas categorias, chamadas pelo semioticista de: cromática e eidética e as figuratividades presentificadas nos textos. Seleccionamos figuras retiradas do perfil de Patrícia, que são manipuladas ou montadas, mas sobretudo importa tratar, no âmbito da linguagem verbal e imagética, das consequências trazidas por este tipo de publicação: (i) a primeira delas (Fig. 1) traz a foto da jornalista, que não deixa dúvidas a quem o texto deseja se referir. No contexto aponta Patrícia, como um actante disposto a pagar ou se vender a qualquer preço em troca de uma informação privilegiada, como se fosse uma mulher “objeto” mesmo. Este efeito de sentido se reforça no desenho de um “cartão de crédito” com o nome da titular, Patrícia C. Mello e nos dizeres: xerecard e “cuvisa”, termos que trazem conotação sexual e se vulgarizam no cotidiano com expressões relacionadas ao órgão sexual da mulher, tornando banais todas essas referências.



Figura 1: postagem feita no perfil da jornalista Patrícia Campos Mello, no dia 2 março

As cores azul e vermelha, inscrevem-se no campo da política ideias contrárias, ou seja, de partidos políticos ou pessoas que defendem ideologias distintas. Cromaticamente, o laranja e vermelho no “cartão de crédito”, assim como o círculo ou figura geométrica redonda ou circular (eidética), reforçam essa construção da mulher que troca sexo por interesse, como já dizíamos anteriormente. Ambas as cromáticas estão presentes tanto na primeira quanto na segunda imagem. Partindo para análise mais detalhada da segunda foto (Fig. 2), abordaremos outros conceitos plásticos. A próxima imagem (Fig.2) fortalece a ideia de “sem vergonhice” no sentido de disforia do termo.



Figura 2: Post no perfil da jornalista Patrícia Campos Mello, no dia 15 de fevereiro

Nesta montagem aponta a mulher que está na rua fazendo programa, que independente de ser aceita pela sociedade conservadora, tem a profissão regulamentada desde 2002⁴, na Classificação Brasileira de Ocupações; porém, continua sendo vista de maneira pejorativa e faz parte de grupos marginalizados no “mundo natural” que vivemos. A cromática vermelha prevalece, e aponta outros referenciais: (i) no vestido curto, tem desenhos de estrelas, que é símbolo usado pelo Partido dos Trabalhadores (PT), e diz respeito ao que é amplamente divulgado em relação à ideologia política da jornalista, até

⁴ Saiba mais sobre Classificação Brasileira de Ocupações em <https://espaco-vital.jusbrasil.com.br/noticias/2629880/a-regularizacao-da-prostituicao> Acesso em 20 set 2020.

por ela mesma, e que no caso, unindo uma linguagem à outra, constitui um juízo de valor com efeito de que: ela não é imparcial ao tratar de questões políticas relacionadas a partidos de direita ou extrema direita, que seja; (ii) o texto diz o seguinte ainda: Bora fazer uma materiazinha? redundando no pensamento de que a profissional faz qualquer coisa para conseguir informação, até se insinuar ou se oferecer sexualmente. Na região da cabeça, o nome do Jornal “Folha”, que é onde Patrícia trabalha, e em algumas postagens do twitter é descrito como “bordel”, como do dia 16 de fevereiro. O bordel é segundo a definição apresentada pelo Houaiss (2009) “Local destinado à prostituição; prostíbulo”, ou, “Lugar em que prevalece a devassidão, em que há libertinagem”. Como vemos são inúmeros os termos semânticos usados na construção dessas narrativas que desfavorecem a mulher e suas atribuições. Tanto o estudo representa todas as demais mulheres, como justificamos na introdução, que este último tweet se refere a outra jornalista da Folha, Mônica Bergamo, que é chamada de maneira diminutiva, ou, “Moniquita”, deixando a indagação disfórica e de descrédito com relação ao jornal onde ambas as jornalista trabalham, ou seja, a Folha de S.Paulo. Esse sincretismo entre a linguagem verbal e imagética reafirmam a visão misógina e seus efeitos em relação à permanente construção da imagem da mulher na sociedade. Determinados papéis temáticos reproduzem estereótipos, preconceito e desigualdade.

Considerações finais

Conforme abordamos no decorrer no trabalho, esta é uma questão crucial a ser tratada, nesta e em outras tantas publicações que puderem ser realizadas sobre a temática das diferenças. Os apontamentos feitos pelo estudo vão ao encontro do que noticiou o Portal de Notícias G1 (2019), quanto ao relatório divulgado no Fórum Econômico Mundial de Davos, na Suíça, “que serão necessários no mínimo e aproximadamente 100 anos para que a paridade de gênero seja alcançada”. Esta constatação pessimista, possível de ser feita com apoio do arcabouço teórico-metodológico da semiótica discursiva, com complemento dos conceitos plásticos e de figuratividade de Greimas (1984), confirmam ao longo da análise das postagens no twitter, seja por meio dos termos usados, depois nas imagens que, manipuladas ou não, quantos efeitos disfóricos são produzidos e legitimam ainda mais a prática do sexismo, da misoginia, que geram tamanha violência em relação à mulher. Intrigante saber e sentir que em pleno Século XXI temos que tratar de

problemas como esse que têm em seu cerne os desafios existentes entre relações e suas não interações, quando as preocupações sobre desenvolvimento humano deveriam estar em outros patamares, serem outras; mas já que estamos nesse ponto ainda, esperamos quem sabe, este trabalho seja uma forma e ponte para a reflexão e diálogo sobre o tema. Por isso, reforçamos que, de fato, pesquisas como essa, como já dizíamos no início, são de extrema importância e pertinência, para que talvez, sendo otimistas num grau maior, possamos estreitar esse longo caminho que nos separa da igualdade.

Referências bibliográficas

BORDEL. In: DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. 2009. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/bordel>. Acesso em: 5 out. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **Reprodução Cultural e Reprodução Social Bourdieu e Passeron**. Em Richard K. Brown (Ed.), *Conhecimento, Educação e Mudança Cultural*. Londres: Tavistock. Les Trois états du capital culturel in Actes de la Recherche en Sciences Sociales, 30 (1979), pp. 3 – 6.

_____, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.

CARTA CAPITAL. **“No Brasil, o machismo é o preconceito mais praticado”**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/no-brasil-o-machismo-e-o-preconceito-mais-praticado/> Acesso em 15 ago 2020.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 15ª. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

G1. Fórum Econômico Mundial vê 2 séculos para fim de desigualdades de gênero no mercado de trabalho. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/12/18/forum-economico-mundial-ve-2-seculos-para-fim-de-desigualdades-de-genero-no-mercado-de-trabalho.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2019.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Semiótica figurativa e plástica*. Significação: **Revista Brasileira de Semiótica**, nº 4 – jun. 1984.

_____, Algirdas Julien; COURTÈS, Jacques. **Dicionário de Semiótica**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores e Centro de Pesquisa Sociosemióticas, 2014.

_____, Eric. **Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MELLO, Patrícia Campos. @camposmello. Não é filha de ministro e nem teve marido assessor de político...Só queria dar o furo mesmo. 2 mar 2020.

_____, Patrícia Campos. @camposmello. Patrícia Campos Mello prostituta ligada à folha. 15 fev 2020.

_____, Patrícia C. **A Máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake News e violência digital**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SEM-VERGONHA. In: DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. 2009. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sem-vergonha>. Acesso em: 5 out. 2020.

SOUZA, Carlos A; DUBEUX, Ana; ROTHENBURG, Denise. "**Somos uma sociedade machista e preconceituosa**", afirma Cármen Lúcia. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/03/08/interna_politica,832801/somos-uma-sociedade-machista-e-preconceituosa-afirma-carmen-lucia.shtml . Acesso em 23 set 2020.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura modema: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9ª ed.- Petrópolis, RJ : Vozes, 2011. Tradução do Grupo de Estudos sobre Ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS.